

GUERRA, MEMÓRIA E SOFRIMENTO: SOLDADOS ALPINOS ITALIANOS EM STALINGRADO

War, suffering and memory. Italian alpine troops in Stalingrad

Guerra, sufrimiento y memoria: soldados alpinos italianos en Stalingrad

Luis G. Cossari¹

Resumo: Em 1942, essa força de elite em combate de montanha partiu para as planícies da URSS para reforçar o Exército Italiano na Rússia, com 227 mil homens. Sofreram combates corpo a corpo, marchas extenuantes, falta de munição, alimentos, frio extremo, marchas da morte e em campos de prisioneiros de guerra e trabalhos forçados. De 63 mil, estima-se 51 mil baixas entre mortos, feridos, capturados e desaparecidos.

Palavras chave: Guerra. Prisioneiros. Sofrimento. Morte. Italianos.

Abstract: In 1942, this elite force in mountain combat, left for the plains of the USSR to strengthen the Italian Army in Russia - 227 thousand. Suffered hand-to-hand fighting, strenuous marches, lack of ammunition, food, extreme cold, death marches, war prison camps and forced labor. 63 thousand, an estimated 51,000 casualties killed, wounded, captured or missing.

Keywords: War. Prisoners. Suffering. Italians.

Resúmen: En 1942, esta fuerza de élite en el combate de montaña, fueron para las llanuras de la URSS para fortalecer el ejército italiano en Rusia-227.000. Han sufrido lucha mano a mano, marchas extenuantes, la falta de municiones, alimentos, marchas de la muerte, campos de prisioneros de guerra de frío extremo y el trabajo forzoso. 63.000, se estima que 51.000 víctimas muertos, heridos, capturados o desaparecidos.

Palabras clave: Guerra. Prisioneros. Sufrimiento. Muerte. Italianos.

¹ Universidade Estadual de Londrina.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado das pesquisas, leituras, bem como da experiência em aula de disciplina² do PPGHIS da Universidade Estadual de Londrina (2013-2015), além das reflexões realizadas durante o processo da dissertação, em revisão e finalização para defesa perante a banca de avaliação.

Pretende-se contribuir para o conhecimento historiográfico a respeito da participação do Corpo Alpino Italiano na invasão da União Soviética pelas forças do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. De um contingente de 227 mil homens do ARMIR (Exército Italiano na Rússia), 60 mil faziam parte dos quadros das três divisões alpinas *Julia*, *Cuneense* e *Tridentina*. (REVELI, 1993, In: HAMILTON, 2011, p. 298). Estas tropas de elite especializadas em combater em terreno montanhoso e equipadas para tal meio geográfico acabaram combatendo no *front* das planícies do rio Don, ao norte de Stalingrado, entre 1942-1943.

Antes mesmo da luta, os alpinos ainda tiveram de desembarcar do trem de carga que os trouxera da Itália e percorrer marchando, em meio às estradas lamacentas da Ucrânia, os últimos trezentos quilômetros que os separavam das posições defensivas no rio Don (Di GIANGREGORIO, s.d. In: COSSARI, 2012, p. 87). DiGiangregorio descreve as características do equipamento com o qual estas tropas de elite partiram para as planícies: 4.800 mulas e 1.600 transportes motorizados, sem armamento contra tanques, nem defesa antiaérea, contando apenas com as armas leves de infantaria: rifles, metralhadoras, submetralhadoras e granadas; além dos canhões de montanha desmontáveis de cano curto de 75mm. Suas armas travavam devido

ao congelamento, não dispunham de casacos de peles e as botas de montanha, feitas com pregos, acumulavam gelo e congelavam os pés. O autor afirma que, de certa forma, esses alpinos rumaram para a planície congelada de até 40 graus negativos, com o mesmo aparato bélico com o qual seus compatriotas lutavam no deserto da África do Norte, acima de 40 graus. (DiGIANGREGORIO, s.d. In: COSSARI, 2012, p. 87).

Enfocando as narrativas dos soldados a cerca de suas experiências cotidianas registradas em memórias, depoimentos, testemunhos e entrevistas, mostramos um panorama a respeito do sofrimento a que esses milhares de homens foram expostos. Desta forma, pretendemos discutir o processo histórico e identificar “[...] alguns aspectos da experiência de guerra foram quase universais: o medo, a dor e o recrutamento de jovens obrigados a suportar vidas absolutamente distantes daquelas que escolheriam, em geral pegando em armas e, no pior dos casos, como escravos”. (HASTINGS, 2012, p. 11).

Vale lembrar que a abordagem aqui proposta pretende trabalhar com a experiência social do evento militar, o cotidiano do soldado no campo de batalha e as privações físicas e psíquicas às quais estiveram expostos, como salienta Hastings:

Minha história enfatiza opiniões e experiências vistas a partir dos degraus mais baixos, as vozes da gente comum, não de pessoas mais importantes; [...] Diários e cartas contemporâneos registram o que as pessoas fizeram ou o que se fez a elas, mas geralmente dizem pouco sobre o que pensavam; o que é mais interessante, mas também é mais evasivo. A explicação óbvia é que muitos guerreiros eram jovens e imaturos: viviam extremos de agitação, terror ou dificuldades, mas apenas uma pequena minoria tinha energia emocional para refletir, pois estavam absorvidos por

2 Tópicos em História A História após a Queda do Muro de Berlim, ofertado pela Prof^a. Dr^a. Sylvia Ewel Lenz.

seu ambiente físico, por suas necessidades e desejos mais imediatos. (HASTINGS, 2012, p. 12).

Para tal objetivo, utilizamos principalmente as fontes como as memórias *Cem mil marmitas de gelo*, de autoria do Oficial Médico Giulio Bedeschi³. Vale ressaltar o valor das memórias de um médico em relação ao tema do sofrimento e, devido à sua função, Bedeschi atuar em inúmeras unidades diferentes em contato com grande número de combatentes. Outro trabalho ao qual recorreremos é o texto da historiadora norte-americana Hope Hamilton, *Sacrifice on the Steppe, The Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign, 1942-1945*. O livro contém extensiva pesquisa em historiografia italiana, memórias, diários e cartas não publicadas dos soldados, bem como entrevista com sobreviventes.

Para pensar a questão do testemunho para o sobrevivente e o peso deste ato em sua sobrevivência, vale ressaltar a análise que Márcio Seligmann-Silva faz a respeito da narrativa: 'O 'manter-se no fato', remete à situação singular do sobrevivente como alguém que habita a clausura de um acontecimento extremo que o aproximou da morte. [...] podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade elementar, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que voltado Lager (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta

3 Tenente da Divisão Julia, veterano da campanha da Grécia no ano anterior, participou de toda campanha na Rússia como Oficial Médico e foi testemunha de situações marcantes de sofrimento e privações. Durante as marchas de aproximação; na preparação e no combate em campo aberto, de novembro a janeiro de 1943; durante os combates na linha de frente, bem como nos quinze dias de marcha de retirada. Ele logrou escapar ao aprisionamento, retornou a Itália, viveu em Milão, onde se dedicou à medicina e à escrita de suas memórias; faleceu em 1990.

de narrar.' (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66) .

Ou seja, pensar em uma história mais auricular: aberta aos testemunhos e também ao próprio evento de testemunhar sem reduzi-los ao meio. Consideramos que o historiador que atualmente trabalha com temas relacionados à História Militar vale-se de fontes com outras abordagens para realizar nova interpretação focada em elementos sociais do conflito, para além das abordagens tradicionais dos campos da estratégia, tática, política ou diplomacia. Buscando relativizar seu objeto, comparando discursos e sentidos para confrontar a história das memórias e os sentidos do passado “[...] uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido de passado.’” (HOBSBAWM, 2013, p. 25).

Desta maneira, consideramos o argumento de Hastings quando escreve acerca da importância da relativização historiográfica: “[...] é o dever e privilégio de historiadores mostrar um relativismo aos eventos que não se pode esperar de contemporâneos.” (HASTINGS, 2012, p.11). Para evitar misticismos e generalizações, não se pode abordar a história do conflito apenas por um lado, ignorando o outro. Preferimos abordar a condição humana daquelas pessoas, independentemente da ideologia ou de sua origem étnica, para além de bem e de mal, de forma a traçar os processos históricos, os sofrimentos e as situações extremas enfrentadas por elas, evitando misticismos, omissões e generalizações, pois:

[...] uma entre as mais importantes verdades sobre a guerra, a rigor sobre todos os assuntos humanos, é que as

peças somente podem interpretar o que lhes acontece no contexto de suas próprias circunstâncias. O fato de que, objetiva e estatisticamente, o sofrimento de alguns indivíduos foi menos terrível do que o de outros, em variadas partes do mundo, não importava aos envolvidos [...] soldados de infantaria britânicos e americanos horrorizaram-se com as experiências vividas na campanha de 1944 e 1945 no noroeste da Europa, que se estendeu por onze meses, mas russos e alemães combateram entre si, por quase quatro anos, em condições bem piores e sofrendo baixas muito mais numerosas. (HASTINGS, 2012, p. 9).

Nesse mesmo cenário de condições bem piores e baixas muito mais numerosas ao qual se refere Hastings ao tratar do *Front Leste*, também estiveram envolvidos, além de russos e alemães, do lado dos últimos, os soldados do Corpo Alpino Italiano - bem como outros soldados italianos pertencentes às demais divisões de infantaria de linha, também os exércitos húngaro e romeno, além de voluntários de diversos países europeus, como holandeses, dinamarqueses, noruegueses, belgas, franceses, soldados dos países bálticos e até espanhóis, além de ucranianos, russos e bielorrussos, estes três últimos, recrutados junto aos campos de prisioneiros, passaram a lutar ao lado do Eixo e eram conhecidos como *hewis*.

A questão da história de 60 mil homens ter passado até agora despercebida pela história oficial nos faz refletir a cerca da magnitude deste *front*, que se estendeu por milhares de quilômetros e envolveu milhões de soldados de cada lado. Deste modo, pretendemos abordar um tema, segundo pesquisa e levantamento bibliográfico, ainda inédito no Brasil e objeto de poucas obras, mesmo na Itália ou em bibliografia de língua inglesa, de forma que acompanhamos o movimento atual da historiografia militar que tenta abordar o *Front Leste*, o maior teatro de operações militares da Segunda Guerra,

seja em volume de homens e material ou pelo tempo de duração das hostilidades.

O COMBATE

A história dos soldados alpinos italianos é única, como demonstra o estudo das experiências sociais de seu pesado cotidiano de combates e as decorrentes chagas físicas e psíquicas, como morte, mutilação, congelamento, fome e frio extremo. O Corpo de Exército Alpino era uma força de elite, distinguia-se das divisões de infantaria regular italiana - estas receberam as primeiras ondas do ataque soviético ao tentarem cercar Stalingrado ao sul de suas posições. Segundo as memórias do Oficial Médico Giulio Bedeschi, com batalhões recrutados nas montanhas e vales alpinos do norte da Itália, as divisões eram portadoras de honra e tradições a zelar. Em sua maioria, as divisões compunham-se de camponeses nos quadros de combatentes e, por advogados, médicos, professores, e até historiadores em seus quadros de oficiais subalternos.

Com exceção de alguns militares de carreira em seus quadros de comando e Estado Maior, eram todos conscritos, civis convocados a servirem na guerra, muitos tinham entre vinte e vinte e seis anos, entre soldados e oficiais. Seus membros conheciam-se e formavam-se amigos e parentes, portadores de sentimentos de solidariedade e orgulho que passaram às unidades coesão e ajudaram a forjar sua reputação de combatentes magníficos (HAMILTON, 2011, p. 29). Por constituírem uma força de elite, motivados por este sentimento de identidade, os alpinos lutaram com distinção, reconhecidos em comunicados e ordens de batalha tanto alemãs quanto soviéticas, especificamente quando essas divisões serviram como grupo de intervenção rápida.

Nossas cordas, nossos machados de gelo, nossas botas com pregos, e nossas mulas não vão ser necessárias onde estamos indo. Estamos equipados para as montanhas, mas temos de obedecer às ordens superiores. Lá às margens do Don, vamos fazer valer nosso *motto*, ‘*di qui non si passa*’ (daqui ninguém passa). (HAMILTON, 2011, p. 28).

O general alemão Günther Blumentritt, comandante do setor guarnecido pela infantaria italiana que sofreu ataques soviéticos, contou com os alpinos nas situações de risco: “Toda uma divisão italiana batera em retirada às carreiras. Imediatamente tomei providências necessárias, fechando a brecha [por onde já havia passado o grosso dos Exércitos de tanques soviéticos] com uma divisão alpina e parte da 6ª Divisão alemã.” (HART, 1975, p. 256).

O general se referia à Operação Urano que, em 19 de novembro de 1942, foi desfechada pelo Exército Vermelho ao norte de Stalingrado: dispunha de mais de um milhão de soldados e oitocentos tanques, lançados contra as linhas dos soldados de infantaria italianos e romenos, com objetivo de cercar as forças alemãs do 6º Exército e do 4º Exército de *Panzers*, ao sul.

Audoin-Rouzeau, em “O corpo e a guerra” da coletânea História do corpo (2008) aborda as condições de sofrimento e penúria às quais estes soldados foram expostos a esta dura batalha

[...] a campanha contínua consistiu a experiência primeira da maioria dos combatentes ocidentais, particularmente no decurso do período em que o combate foi precisamente uma experiência social de massa. Houve consideráveis consequências somáticas. Observemos em primeiro lugar o esgotamento físico dos combatentes mergulhados nessas fornalhas, a ‘batalha’ moderna prolonga,

com efeito, interminavelmente a duração do *stress* dos combatentes, reação ao mesmo tempo física, fisiológica e psicológica que tem por fim mobilizar todas as capacidades de um indivíduo em situação de perigo vital, mas que, prolongada além das possibilidades humanas, provoca um esgotamento irrecuperável. Os combatentes se viram deste modo diante de experiências corporais e psíquicas sem precedente algum na história da atividade bélica ocidental. (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, p. 380-381).

Nessa Divisão Alpina Julia referida por Blumentritt serviu Giulio Bedeschi, cujas experiências vividas nesses dias difíceis detalhou em seus escritos. Os alpinos lutaram sob duríssimas condições, mantiveram o *front* durante quarenta e cinco dias de combates ferozes contra um inimigo superior em homens, meios e suprimentos, sob temperaturas de até -40°C, os alpinos resistiram entrincheirados na planície gelada. Apesar dessas duras condições, mostram que a vontade de resistir à aniquilação chegava a produzir momentos de bravura e heroísmo, como no caso de ataques frontais de soldados desarmados investindo contra tanques soviéticos:

– Todos os que ainda estão vivos, ao assalto! Meu grupo à baioneta – rugiu então o coronel Verdotti, empunhado seu revólver. [...] Abandonar tudo! Todos ao assalto. [...] metralhadores desarmados, homens da intendência, telefonistas, enfermeiros, muleteiros, médicos, condutores de veículos, artilheiros sem peças, infantes sem cartuchos, doentes que se arrastavam, feridos arquejando e tropeçando saídos dos postos de socorro, armados de baionetas, granadas, paus e facas, brandindo carabinas a modo de clavas; fantasmas assustadores que rompiam em massa compacta em direção ao inimigo, deixando para trás apenas os moribundos e os mortos.

Caíram sobre os russos furiosamente, atacando-se a eles, e não podendo fazer outra coisa empenhando-se com eles em luta de morte, diante de tanques que rasgavam a neve e as carnes. Atiravam-se as blindagens, caíam sob as lagartas empastadas de carne e sangue, logo substituídos por outros que por fim logravam erguer os postigos da torre e atirar-lhes granadas por dentro, torcer em furibundas coronhadas os canos das metralhadoras. (BEDESCHI, p. 1968, 168).

Segundo Di Giangregorio, pela participação nesta batalha, o tenente Ugo Piccinini, de vinte e dois anos, comandante de um regimento de fuzileiros alpinos, recebeu a mais alta condecoração militar italiana, a Medalha de Ouro do Valor Militar, por liderar seus homens usando rifles e granadas para atacar os tanques soviéticos.

A MARCHA DE RETIRADA

Após o sucesso esmagador da Operação Urano e o cerco das tropas em Stalingrado, em janeiro de 1943, o Exército Vermelho desencadeou a Operação Pequeno Saturno, visando cercar as três divisões alpinas que resistiam ao norte. Os homens se viram na iminência do cerco soviético e a subsequente captura e transferência para campos de prisioneiros de guerra. Então, cem mil homens, incluindo remanescentes de outras divisões italianas, romenas, alemãs e húngaras, iniciaram a marcha de retirada rumo ao oeste, em meio à grande penúria. A *Tridentina* foi designada para encabeçar a coluna, pois as outras divisões encontravam-se praticamente exauridas de homens e munições. Muitas dezenas de milhares de homens tinham jogado fora as carabinas cujo peso não mais aguentavam, aliás tornadas

inúteis pela falta absoluta de munições. (Cf. BEDESCHI, 1968, p. 202).

Bedeschi descreveu as condições às quais o corpo destes soldados foi submetido durante a retirada, pois, como médico, ele tratava dos feridos:

Sucedem coisas incríveis; eu nem sequer imaginava que a resistência humana pudesse chegar a tais limites [...] O frio ainda nos impediu de dormir a noite passada; há cinco dias que não comemos, há seis que estamos marchando... e isso sem falar nos combates. [...] Os feridos, seus ferimentos estão abertos, alguns tem chagas enormes que não posso tratar de maneira alguma... e contudo não noto o menor sintoma de infecção, nem as hemorragias se apresentam sérias. Sem dúvida, a temperatura a menos de trinta ou quarenta graus os preserva. Eles vivem chupando gelo. [...] Mas as alterações nos tecidos acentuam-se. Há os que têm os ossos das mãos e dos pés descobertos, ou os dedos caindo aos pedaços. Se conseguirem chegar até um hospital, diversos terão de ser amputados. (BEDESCHI, 1968, p. 192).

Com o prolongar da marcha, além das baixas devido ao frio, aos ataques inimigos tentando cercar a coluna, Bedeschi destaca outro flagelo que assolava os homens e cobrava suas vítimas, a fome:

Punham-se a dar voltas em redor da *isbas* (choupanas) dos estábulos, dos currais de porcos, à procura de montes de estrume. Quando encontravam punham-se de joelhos, enterravam as mãos crispadas na neve alta, escavavam-na até a camada de estrume, revolvendo-a como porcos enlouquecidos, a fim de retirar as beterrabas e os nabos podres que a moça da herdade, no tempo do calor, para ali trouxera preguiçosamente, às carradas [...] (BEDESCHI, 1968, p. 200).

E, na hora do repouso, deitados nos casebres, soldados nervosos não conseguiam adormecer. 'Se algumas horas de repouso não fossem indispensáveis às mulas, eles teriam preferido partir a ficar estendidos nas *isbas*, mastigando reboco das paredes e chupando fibras de madeira.' (BEDESCHI, 1968, p. 252).

Depois de quarenta e cinco dias sem esperança, arrebatada de hora em hora ao frio, à morte, ao absurdo, ao cabo de quinze dias de cerco, onze combates e setecentos quilômetros percorridos a pé na neve, os homens: "[...] gozaram pela primeira vez de sono tranquilo e repousante" (BEDESCHI, 1968, p. 263).

Citamos Audoin-Rouzeau, quanto às penúrias das marchas no corpo dos combatentes:

A marcha, que se torna ainda mais cansativa pelo peso do armamento e da mochila, ficou sendo, [...], uma das grandes provas de combate do século XX. [...] e nenhum dos modernos meios de transporte do século XX pode dispensar os combatentes da terrível prova das marchas intermináveis nas zonas de combate ou para chegar em suas imediações. [...] A derrota, grande fator de desmodernização das forças armadas, só deixa a marcha como solução para os soldados que procuram evitar serem capturados [...] após as grandes derrotas de 1943 constituíram imensas provas corporais para os soldados que as suportaram. (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, p. 381-382).

Em março de 1943, quando as tropas do ARMIR retornaram à Itália, após a retirada da frente do Don, o governo fascista nunca esclareceu o que houve na Rússia, nem o que acontecera aos soldados que não retornaram. (HAMILTON, 2011, p. 298).

CAPTURA, MARCHAS DA MORTE, CAMPOS DE PRISIONEIROS DE GUERRA E TRABALHOS FORÇADOS

Para aqueles soldados que não lograram romper o cerco do Exército Vermelho e acabaram capturados, sofrimentos e as privações continuariam por meses ou até mesmo anos, seja nos campos de prisioneiros de guerra ou em inúmeros campos de trabalho forçado espalhados por toda União Soviética após o final conflito, pois, aos poucos sobreviventes, o tempo de cativeiro durou de 1943 até 1955.

A historiadora norte-americana Hamilton apresenta entrevistas com sobreviventes dos prisioneiros de guerra encaminhados aos campos de concentração, destacando o sofrimento destes. Como no relato do radiotelegrafista Luigi Venturini, situações traumáticas aconteciam logo após a captura e durante as marchas destinadas aos primeiros campos de prisioneiros, que se estendiam por até trezentos quilômetros, somados aos trezentos quilômetros da anterior retirada em direção ao oeste na tentativa de escapar ao cerco:

Dois guardas mongóis imediatamente começaram a revistar dois soldados por vez. De repente disparos foram dados e um dos prisioneiros revistados caiu no chão. Venturini escreve 'eu estava devastado pelo terror'. Quando Venturini se aproximou, percebeu que os soldados mongóis conduzindo a revista estavam bêbados: 'A cena é impressionante; eles faziam duas pessoas avançarem, eles revistavam nos casacos e jaquetas, agarrando relógios, anéis, e todos itens pessoais, eles então averiguavam a nacionalidade. Se o soldado era alemão,

ele era perfurado com uma baioneta, ou levava um tiro à queima-roupa; se fosse italiano ou húngaro, sua vida era salva.’ (HAMILTON, 2011, p. 196-197).

Hamilton apresenta o relato do alpino capitão Giuseppe Lamberti (comandante do Batalhão de Esquiadores Monte Cervino), que descreve a situação de um dos campos de prisioneiros, destinados a triagem:

Valuiki se assemelhava a um apocalipse. Em todos os lugares haviam mortos, feridos, moribundos. Os mortos estavam despídos porque faltava tudo, especialmente roupas. Se congelava naquela temperatura. Eu tive congelamento no meu pé esquerdo, e um ferimento em um braço... Eles nos puseram num grande barracão onde encontramos os remanescentes das Divisões Cuneense e Julia... A cena era Dantesca, era terrível. (HAMILTON, 2011, p. 197).

Embora alguns prisioneiros passassem a noite no galpão, dormindo uns sobre os outros devido ao número de centenas de prisioneiros, outros passaram a noite ao relento, expostos a temperaturas de -30 a -40 C°. O soldado Vittorio Bellini, que dormiu no galpão, relatou: “Na manhã seguinte nós encontramos [os soldados forçados a permanecerem do lado de fora] todos mortos. Do lado de dentro também[...] muitos de nossos companheiros estavam mortos e nus porque alguém tinha tirado suas roupas. E isso posso dizer porque vi com meus próprios olhos.” (HAMILTON, 2011, p.197-198).

A situação dos soldados capturados se agravava com o passar dos dias. A captura e transferência desses homens aconteceram ao mesmo tempo em que ofensiva soviética progredia rumo ao oeste – na mesma direção da coluna de soldados do Eixo em retirada, na maioria desarmados, de forma que capturados eram aprisionados, agrupados,

vigiados e transferidos sob a supervisão de tropas soviéticas da retaguarda a caminho do *front*, que se estendia cada vez mais a oeste. Como os soviéticos estavam empenhados em sua campanha ofensiva, sua logística estava toda voltada para este fim, pouca atenção foi dada aos prisioneiros de guerra, pois, segundo Hamilton, a assistência médica para as próprias forças soviéticas era, no melhor dos casos, rudimentar. Havia ainda o problema dos transportes, ou a falta deles, forçando os capturados a marchar por centenas de quilômetros, visto que trens e caminhões estavam engajados em suprir a ofensiva. Assim, iniciaram-se as marchas da morte, partindo do local de captura até os primeiros campos de prisioneiros:

A coluna de prisioneiros se estendia por quilômetros, ‘separando os fortes dos mais fracos. Aqueles melhores equipados daqueles que nada tinham para proteger-se. Aqueles endurecidos pelos perigos da linha de frente, por noites sem dormir, trabalho, fadiga, turnos de guarda no frio gélido de mais de 30C° negativos, daqueles despreparados para as dificuldades porvir pois estes estavam em centros de comando, cozinhas e centros de telefonia’. Alpinos das divisões *Trientina e Cuneense* lideravam a coluna, pois estavam em melhor forma que os da *Julia*, que haviam completado um mês de luta no sul [mais os 15 dias da marcha de retirada]. Os guardas estavam impacientes com aqueles ao fim da coluna, que quase não podiam caminhar. ‘Ameaças e tiros não faziam homens que mal podiam se manter em pé andarem mais rápido ou fazer mover-se homens que tinham se atirado na neve, incapazes de caminhar com os pés inchados. Os guardas resolviam o problema sem escrúpulos[...] eles eliminavam-nos com uma rajada de tiros na cabeça.’ (HAMILTON, 2011, p. 205).

A alimentação também constituía um grave problema, pois “[...] não havia

comida suficiente para todos os prisioneiros, eles [os soviéticos] tomaram a decisão de alimentar somente os oficiais.” (HAMILTON, 2011, p. 199).

Na entrevista da autora com um oficial alpino, Veniero Marsan, destaca-se um episódio protagonizado pelo Capitão Cappa, o historiador regimental do 2º Regimento da divisão alpina *Cuneense*. Antes da guerra, por ser antifascista, Cappa mudou-se para a Suíça, onde lecionava na Universidade de Genebra. “Mas quando ouviu que os alpinos iam à guerra, por sentimentos de solidariedade, ele retornou à Itália para se juntar aos seus companheiros.” (*Idem, Ibidem*, p.199).

Durante a retirada o capitão manteve um diário “De forma a cumprir seu dever, ele removia suas luvas sempre que escrevia, expondo as mãos a temperaturas abaixo de zero. Cobertas de bolhas, suas mãos incharam. [...] Cappa montou a cavalo durante a retirada, causando limitação da circulação de suas pernas e pés.” (HAMILTON, 2011, p. 199).

Marsan relata que, ao desmontar de seu cavalo em uma ocasião durante a retirada, o capitão historiador “[...] tropeçou em uma granada de mão enterrada na neve; ela explodiu, ferindo severamente sua perna e pé direito.” (*Idem, Ibidem*, p. 199). O Capitão, ferido, pediu a Marsan para não deixá-lo na estação de trem, o que salvou sua vida, pois “Centenas de prisioneiros chegaram à estação, carregados em vagões de carga, trancados por fora pelos guardas russos. Quase imediatamente, um avião alemão bombardeou a estação, matando centenas de homens incapazes de escapar dos vagões trancados durante o bombardeio.” (*Idem, Ibidem*, p. 200).

Os sobreviventes foram forçados a marchar a pé até Khrinovoje, conhecido por ser um dos campos com as mais atroz condições, inclusive o canibalismo:

Os quilômetros adicionais, somados aos já percorridos foram desastrosos. Quando penso que teria de andar mais 300 quilômetros, além dos quilômetros [300] que já havíamos caminhado durante a retirada, eu passo mal. Felizmente eu fui poupado! Talvez eu sobrevivesse àquela marcha, talvez não, mas Cappa certamente salvou-me daquela experiência! (*Idem, Ibidem*, p. 200).

Para aqueles enviados para os campos nos trens de cargas como Grato Bongiovanni, embarcado em Valuiki a caminho do campo de Akbulak, no Cazaquistão, situações terríveis continuaram durante o trajeto que durou até vinte e cinco dias. No mesmo trem foram embarcados mais de mil e duzentos soldados italianos, sessenta no mesmo vagão de carga que Bongiovanni – dos quais, somente vinte e seis sobreviveram. O capitão Lamberti relatou sofrimentos sem fim: fome, frio, piolhos e ferimentos gangrenados durante o trajeto:

Viajávamos com um grande número de soldados mortos, porque grande parte estava ferida e a gangrena se estabeleceu [e com ela, o incomodo do fedor, relatado por outro sobrevivente]. A lembrança daquelas cenas ainda me horroriza hoje. [...] Mãos, narizes, pés, orelhas que se transformaram em farrapos pretos, caíam fora, destacavam-se do corpo, com o mínimo de vibração do trem. Quando soldados russos abriam as portas do vagão e perguntavam se havia mortos, nós ficávamos quietos de forma a receber mais rações de comida. (*Idem, Ibidem*, 2011, p 215).

No campo de prisioneiros em Khrinovoje, onde os homens eram vítimas da fome, da exaustão, do frio e do tifo, o soldado Vittorio Bellini, repatriado em 1946, narrou acerca do caso de alguns soldados que eram encarregados de “[...] remover os mortos de uma vala e depositá-los numa trincheira que

veio a ser um cemitério em massa, o trabalho durou seis meses [...] dos 27 mil soldados que morreram neste campo, aproximadamente 20 mil eram italianos.” (HAMILTON, 2011, p. 218-219).

Outras situações de extrema penúria tomaram lugar neste campo, como o canibalismo. Certa vez, Vicentini, outro soldado com a tarefa de jogar os corpos na vala comum, ao recolher um corpo: “[...] para seu horror, observou que as nádegas do corpo estavam faltando.” (*Idem, Ibidem*, p. 223).

Além do canibalismo, os prisioneiros viam-se forçados a situações abjetas na luta pela sobrevivência quando o desespero levava soldados famintos ao inimaginável:

Eles retiravam excremento de uma grande vala/latrina e com as mãos nuas retiravam grãos indigestos de painço e milho, que eles lavavam e comiam. Prisioneiros alemães rapidamente melhoraram o processo: ‘instalando uma espécie de linha de montagem de peneiras e copos, pelos quais eles coavam as fezes, retirando tantos grãos que eles começaram um mercado negro. (CRAIG In: HAMILTON, 2011, p 219).

Segundo a autora americana, os prisioneiros foram receber sua primeira refeição quente - cevada fervida com casca, depois de um mês no pico do inverno russo. Segundo as entrevistas com os sobreviventes, Hamilton informa que os prisioneiros sofriam de diarreia constante e, geralmente: “[...] não conseguiam chegar a tempo às latrinas, aliviando-se do lado de fora do *bunker*⁴, caso conseguissem chegar tão longe. Corpos não enterrados do lado de fora dos *bunkers* aumentavam em número”. (HAMILTON, 2011, p. 221).

4 Abrigo que contava com chão de terra batida e uma cobertura simples de madeira, nota do autor.

O oficial Médico Cristoforo Capone e o tenente Bracci estavam no campo 160, em Suzdal, região de Moscou, onde o médico realizou artimanhas macabras para ajudar seus compatriotas a conseguir mais alimentos na cela dividida com mais treze homens:

Toda manhã, guardas russos traziam rações para cada cela. Os guardas contavam os homens e deixavam rações para o número de homens presentes. Ao invés de remover os mortos, Capone ‘escorava os corpos nas cadeiras’. Ele e seus companheiros fingiam conversar com os corpos quando os guardas entravam. Os guardas contavam os homens e deixavam quinze porções de ração. Dr. Capone pode conservar os corpos por semanas devido à temperatura congelante nas celas, que preservou os corpos de decomporem. Uma vez que os homens em sua cela começaram e se sentir mais fortes devido a mais nutrição, ele estabeleceu uma forma de ‘*lend-lease*’ [i.e. empréstimo] com outros grupos de prisioneiros, carregando corpos congelados para outras celas para obter mais rações. (CRAIG, 2001 In: HAMILTON, 2011, p. 229).

Segundo Bacci e Capone, também houve canibalismo no campo de Suzdal, com corpos com membros e órgãos faltando, de forma que

[...] os guardas russos atiravam em qualquer canibal que encontrassem, mas se viram com a tarefa de caçar tantos comedores-de-homens que eles tiveram de alistar a ajuda de ‘esquadras anti-canibalismo’, convocados dos quadros de oficiais cativos.’ Armados com barras de ferro, essas esquadras vasculhavam o campo, ‘procurando lampejos reveladores provenientes de pequenas fogueiras onde os predadores preparavam suas refeições. (*Idem, Ibidem*, p. 229).

Nem todos os prisioneiros foram realocados para campos de concentração de

prisioneiros de guerra, denominados “campos de triagem”, onde enfrentavam a morte pela fome, frio, doenças e a falta de atendimento médico, quando poucos lograram sobreviver. Na maioria eram oficiais, a quem os soviéticos denominavam *bourgeoisie*, passaram até por tentativas de reeducação política e ideológica. Milhares de prisioneiros, em sua maioria soldados de baixa patente, acabaram transferidos para campos de trabalho espalhados pela União Soviética, como o de Mordovia, a seiscentos Km de Moscou, outros na região de Pern e Sverdlovsk, a mil e oitocentos Km a leste de Moscou, além de campos no Cazaquistão, próximos à fronteira da China e Afeganistão. “Eles vivenciaram o mesmo horror com perda de vidas, vidas, além de jornadas mais longas.” (VICENTINI; RESTA, 2005 In: HAMILTON, 2011, p. 234).

Soldados com experiência de trabalho manual ou habilidade antes da guerra, e os com melhor condição física, eram divididos em três categorias, de acordo com o estado de saúde e o trabalho a fazer e ganhavam rações também segundo quantidade e qualidade (água, repolho e batatas):

As condições nos campos de trabalho variavam, como variavam em qualquer outro campo, dependendo da localização, época do ano, e tipo de trabalho requerido [...]; o tipo de trabalho mais comum fora dos campos era a construção, cortar madeira, trabalho na terra nos *kolkhoz* [propriedade rural coletiva], catando algodão, fazendo tijolos, limpando estradas, e ocasionalmente, mineração. Dentro dos campos alguns prisioneiros exerciam atividades que realizavam quando civis, como padeiros, carpinteiros, pedreiros, sapateiros, alfaiates, eletricitas. Frequentemente os funcionários do campo faziam uso destas habilidades para uso pessoal, assim como a população que vivia fora dos campos. [...] (VICENTINI; RESTA, 2005 In: HAMILTON, 2011, p. 234-235).

Segundo as memórias não publicadas do alpino Ajmone Marsan, no campo de Suzdal:

[...] alguns alpinos eram sapateiros e confeccionaram sapatos femininos oferecidos ao comandante do campo [...] esposas e filhas dos operadores do campo, queriam um par de sapatos de salto alto [...] quanto melhor o sapateiro, recebia o dobro ou triplo de ração. (HAMILTON, 2011, p. 263-264).

Segundo essa autora, dez prisioneiros, por terem habilidade com gesso e acabamento em mármore, chegaram a ser transferidos para Moscou para decorarem prédios do governo. Todavia, as condições gerais nos campos de trabalho eram também precárias, afetando diretamente a saúde e sobrevivência dos prisioneiros:

Quando a epidemia de tifo amainou, soldados nos campos de trabalho sofreram com disenteria, colite, várias doenças crônicas e até sarna. Em alguns campos, particularmente no Cazaquistão, soldados foram vítimas de malária. Embora as rações fossem distribuídas regularmente, a desnutrição era constante em todos os campos de trabalho. (HAMILTON, 2011, p. 235).

Nos campos destinados ao internamento de oficiais, como o de Suzdal, as condições melhoraram com o passar dos meses, as rações não eram abundantes, mas os prisioneiros não estavam mais desesperadamente famintos. Segundo as memórias de Marsan, aos domingos era permitido realizar uma missa, os adventistas do sétimo dia eram poupados do trabalho nos sábados, e foi dada aos oficiais permissão de usar a biblioteca com uma seleção de livros em italiano, embora “[...] noventa por cento consistisse de escritos e discursos traduzidos de Stalin e Lenin”. (*Idem, Ibidem*, 2011, p 240).

Isso fazia parte da organização política dos campos, ou seja, a reeducação e doutrinação política e por vezes pela cooptação dos prisioneiros:

Autoridades soviéticas estavam imediatamente preocupadas com a reeducação política dos prisioneiros. Já nos primeiros meses de 1943, um jornal era impresso para todas as nacionalidades, enquanto um comissário político operava em cada campo, acompanhado de um imigrante da mesma nacionalidade dos prisioneiros. (ZILLI, 1982 In: HAMILTON, 2011, p. 241).

Entre os oficiais prisioneiros surgiram alguns grupos denominados “antifascistas”, apesar do pouco conhecimento referente ao comunismo, muitos aceitaram ideias de

[...] luta de classes, ditadura do proletariado, antítese histórica e contradições do capitalismo [...] muitos antifascistas aderiram para receber certos favores – um pouco mais de comida, melhores condições para dormir, ou para conseguir um ‘perdão’ por ter sido um oficial na milícia de Mussolini [que caçava comunistas]. Esses oficiais eram perigosos; eram oportunistas e não tinham escrúpulos, e poderiam facilmente serem manipulados pelos russos. Eles eram espíões e informantes ‘dispostos a declarar por escrito tudo o que os russos quisessem que eles dissessem; [por exemplo], que os italianos tinham trazido piolho e tifo da Itália, que os italianos tinham queimado vilarejos na Ucrânia, que os italianos no *front* comiam pior que os prisioneiros. Tais declarações eram publicadas [no jornal *L’alba*] [...], mesmo que os russos soubessem que [estas informações] eram falsas, mas como mestres da propaganda eles ficavam satisfeitos ao ver os italianos denegrirem a si próprios. (VICENTINI, 1997 In: HAMILTON, 2011, p. 242).

O mesmo valia para cooptação de oficiais, pois alguns foram transferidos dos campos para alocações melhores, ou até mesmo transferidos para Moscou, onde ficavam por meses em apartamentos e passavam informações às autoridades como a localização da fábrica da FIAT, em Turim, ou requisitados a mantê-las informadas após retornarem à Itália. O NKVD (a polícia política soviética) conduzia interrogatórios que duravam a noite toda, tendo comissários italianos como intérpretes:

Era evidente que eles procuravam por criminosos de guerra e percebendo que não conseguiriam encontrar nenhum, eles esperavam fabricá-los. (VICENTINI, 1997 In: HAMILTON, 2011, p. 243-245).

Enfim, para aqueles que sobreviveram ao combate e ao cativeiro soviético, bem como às marchas, à fome, às doenças, ao frio e à exaustão, etc. enfim, numerosas condições inimigas da vida, são marcantes e perturbadoras as chagas físicas e a deterioração psíquica que assolava esses milhares de homens, espalhados por mais de quatrocentos campos em toda a União Soviética:

Aquele que quer sobreviver não pensa em mais nada. Ele só pensa em si mesmo. Como pode sobreviver até amanhã. Ele só pensa em meios de como comer algo mais, em se aquecer melhor, em fazer os piolhos serem menos perturbadores, em fazer seu colchão de madeira menos duro. Para si mesmo, enquanto se transforma mais em um animal, ele destrói toda forma de respeito, toda forma de sentimento, toda fraqueza humana’ [...] Enquanto a epidemia de diarreia, barracas serviam de hospital, onde não havia remédios. Condições imundas, baixa qualidade das rações, e a incapacidade de isolar os doentes exacerbou a situação. O número de mortos aumentou devido à exaustão, doenças intestinais, pneumonia e

escorbuto, assim como ‘intervenções cirúrgicas, como amputação de membros em estado avançado de gangrena através de facas, serras, e tesouras enferrujadas. (GAMBETTI, s.d. In: HAMILTON, 2011, p. 225).

Aqueles que sobreviveram à experiência de anos de confinamento nos campos de concentração de prisioneiros de guerra ou nos campos de trabalho foram transferidos para Itália em diferentes anos; alguns retornaram ao fim da guerra, em 1946, outros, somente em 1955. A contagem das baixas diverge de acordo com o censo e com a época em que o levantamento fora feito, de modo que os números absolutos variam, de forma que:

O número documentado de soldados que retornaram da Rússia em março de 1943, somam 125 mil homens, deixando 95 mil soldados desaparecidos de uma força estimada em 220 mil, em dezembro de 1942 (10 mil destes, foram repatriados em 1946, deixando o número estimado de desaparecidos em 85 mil). Estima-se que 25 mil soldados morreram em combate ou de exaustão e/ou fatores ambientais durante a retirada. O Exército Vermelho capturou 70 mil soldados do ARMIR. Desde que 10 mil destes foram repatriados, significa que 60 mil soldados italianos morreram em campos de prisioneiros de guerra ou em marchas forçadas, bem como em transportes ferroviários. De 60 mil prisioneiros que não retornaram, há documentação somente para 38 mil homens que morreram nos campos. As autoridades acreditam que 22 mil morreram durante as marchas da morte e nos transportes ferroviários. (VICENTINI, 1997, In: HAMILTON, 2011, p. 304).

CONCLUSÃO

[...] suas memórias são tudo, menos serenas. Segundo sua longa viagem através da Europa devastada pela guerra [para

alguns, essas viagens duraram até seis meses], e sua chegada ao Tarvisio ou ao Passo Brenner [fronteira norte da Itália], eles sentiram-se como estrangeiros em sua própria terra natal, desde que ‘centros de recepção’ estavam despreparados para cuidar deles. Todos estavam desnutridos, doentes, e frágeis, requerendo assistência médica imediata. Eles tinham um desejo em comum, o de findar rapidamente as formalidades militares e burocráticas e correr para casa.’ (REVELL, 1993, In: HAMILTON, 2011, p. 281).

A contabilidade total das baixas e o destino final dos prisioneiros de guerra, bem como seu repatriamento são controversos. Embora desde 1943, após a invasão aliada no sul da península e a derrubada do governo fascista de Benito Mussolini, houvesse o estabelecimento de um governo de cobeligerância e posterior cooperação com os aliados, os prisioneiros de guerra italianos em território soviético vieram a sofrer o mesmo destino dos prisioneiros alemães. Foram destinados a cumprir anos de trabalho forçado como reparação pelos danos provocados durante o conflito. Esta medida foi proposta pela primeira vez na Conferência de Teerã, em 1943, e posteriormente sancionada na Conferência de Yalta, em 1945, pelos três líderes das potências vencedoras, Roosevelt, Stalin e Churchill. Para muitos prisioneiros de guerra, o trabalho forçado durou até 1955, muitos jamais voltaram para casa.⁵

No contexto do pós-guerra, apesar de toda a destruição causada pela guerra, as famílias dos que não retornaram procuravam continuar suas vidas. Algumas associações foram formadas para tentar apurar o destino de tantos milhares de homens, filhos, maridos,

⁵ Com relação a trabalhos forçados de prisioneiros de guerra, civis e migrações em massa forçadas ver: Pavel Polyan, *Against their will: the history and geography of forced migrations in the USSR*. Central European University Press, 2004.

netos, que haviam desaparecido, deixando um vácuo na vida de suas famílias. A exemplo da UNIRR (sigla em italiano para União Nacional Italiana de Veteranos de Guerra na Rússia) e a Aliança das Famílias dos Dispersados na URSS, bem como a Associação Nacional dos Alpinos. Essas organizações atuaram como forma de trazer apoio e solidariedade para as famílias dos desaparecidos e dos que retornavam.

A associação dos alpinos, em 1993, organizou esforços, e setecentos e cinquenta alpinos sobreviventes doaram seu tempo e energia (HAMILTON, 2011, p. 308) para construir em Rossosh – local fatídico de combates, capturas e retiradas, uma escola de enfermagem batizada de *Casa del Sorriso*, como forma de retribuição e amizade para com aqueles camponeses que, doando o pouco que tinham de alimento, acolheram e salvaram

a vida de muitos italianos durante os dias de retirada no alto do inverno russo, em 1943.

Em 1993, na cerimônia de inauguração, alguns veteranos alpinos se reencontraram com os camponeses que ainda se lembravam deles: “Aqueles pobres soldados! Suas roupas estavam em farrapos. Eu senti tanta pena. Estavam todos imundos, exceto pelos alemães se retirando com eles. Os alemães os ignoravam. Os italianos eram nobres, bonitos e bons. Os alemães os ignoraram. Conte a todos, traduza isso”. (HAMILTON, 2011, p. 309).

Existe também, desde 1993, o Museu do Médio Don, na cidade de Rossosh, na Rússia, e é dedicado à memória dos combatentes italianos daquela campanha.

REFERÊNCIAS

AUDOIN-ROUZEAU, S. Massacres, o corpo e a guerra. In: COURTINE, J. J. **História do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEDESCHI, G. **Cem mil marmitas de gelo**. São Paulo: Flamboyant, 1968.

COSSARI, LUIZ G. Soldados do Corpo Alpino Italiano na Campanha de Stalingrado. In: VASCONCELOS, A. L. LENZ, S. E. (Org.). **Segunda Guerra e pós 1945**: outras abordagens. – São Paulo: Clube de Autores; Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

Di-GIANGREGORIO, Maurílio. **Gli alpini di Castel di Ieri e gli alpini abruzzesi nel ricordo Del Sottotenente** Giuseppe Prisco. Disponível em: <<http://www.anaabruzzo.eu/anaabruzzo/memorie/campagna-di-russia.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

HAMILTON, H. **Sacrifice on the steppe**: The Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign, 1942-1943. USA: Casemate, 2011.

HASTINGS, Max. **Inferno**: O mundo em guerra 1939-1945. Rio De Janeiro: Intrínseca, 2013.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KREIPE, W. **Decisões fatais**. Rio de Janeiro: Hemus, 2005.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o Trauma: A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas In: **Psic. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>> Acesso em: 26 mar. 2014.

Recebido em: 21 de abril de 2015

Aprovado em: 16 de setembro de 2015